# O homem maravilhado - 16/03/2021

\_Do maravilhar-se antigo ao contemporâneo\_ \_[i]\_  
  
Álvaro Vieira Pinto traz a concepção grega do pensar racional associado ao  
estado de espanto. É o maravilhar-se, seja no \_Teeteto,\_ de Platão, com a Íris  
(filosofia) filha de Taumante (maravilha) ou na \_Metafísica,\_ de Aristóteles,  
trazendo o filósofo como amante de mitos, o mito composto de maravilhas.  
  
Entretanto, para Vieira, ao falar dos gregos não faz sentido falar em “origem  
da filosofia” pois, para ele, ela surge com a capacidade de pensar. O homem  
antigo, segundo ele, se definia pelo maravilhar-se pelos céus, ordem perfeita,  
imutável e inexplicável e que, portanto, procurava descobrir suas causas.  
  
Sobre o maravilhar-se, Vieira faz uma digressão, trazendo uma série de  
traduções deturpadas da Antígona, de Sófocles, que mostram o homem como uma  
das maravilhas da natureza, corrompendo o sentido original. Segundo Vieira,  
Sófocles não faz menção à noção de maravilha e a tradução da passagem é: “há  
muitas coisas terríveis, mas nenhuma é mais terrível que o homem”. A má-fé  
teria se originado da tradução errada do termo “deinós” como maravilha, ao  
invés de terrível, no contexto correto da peça .  
  
Porém, a atitude do homem antigo se contrapõe à do homem atual pois, se esse  
reedita o velho espanto, ele se maravilha diante de suas próprias obras. E  
Vieira Pinto caracteriza justamente esse novo estado de maravilha como sendo a  
concepção filosófica ingênua. A chamada “era tecnológica” não passa de um  
embasbacamento com a ciência moderna e há, segundo Vieira, um exercício de  
futurologia que não deixa acabar o encanto atual pois, se por um lado, há  
intenção justa, por outro, há a ideologia da propaganda das grandes nações  
metropolitanas.  
  
Vieira Pinto analisa o espanto em seu fundamento histórico e social. No  
início, havia debilidade das forças produtivas e então o homem se impressiona  
com a natureza material. Acontece que o ambiente rústico se transforma em  
urbano alterando a função cosmogônica da natureza para o homem. Ao criar uma  
natureza artificial e ideológica, quem não tem acesso a tal conforto está na  
pobreza ou atraso. Os objetos de conforto, por exemplo, os meios de  
transporte, passam a serem vistos como naturais e uma situação como a falta  
luz já significa anormalidade.  
  
Se o mundo dos objetos é fonte de reprodução indefinida, o espanto pelos  
objetos artificiais vira ideologia. Eles devem ser substituídos constantemente  
para não se banalizarem e o próprio maravilhar-se se naturaliza[ii].  
Outrora[iii], o assombro era a regularidade da realidade e havia a tentativa  
de explicar essa ordem, mas a multiplicação de artefatos reduz nossa  
capacidade de maravilhamento. O espanto já não é mais com o Universo, mas com  
o próprio “fazer” humano que ocasiona que percamos de vista nossa noção  
biológica e nos tornemos os criadores do mundo.  
  
Pois que há o \_pensamento ingênuo\_ que se agarra ao absolutismo de uma época e  
o \_crítico\_ como fenômeno histórico e social, mediante o qual se pode ver que  
sempre os possuidores de bem ideologizam o presente e, no nosso caso, os  
trabalhadores esperam pelo barateamento dos bens. O pensamento ingênuo faz com  
que, em seu maravilhamento, os grupos sociais dominantes vejam sua época como  
privilegiada, como término de um processo de conquistas. Assim, eles  
sacralizam o presente para evitar a mudança e domesticar o futuro. Evitando  
falar em transformações políticas e sociais, para eles importa as realizações  
técnicas sempre progredindo.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] VIEIRA PINTO, Álvaro. \_O Conceito de Tecnologia\_. Rio de Janeiro:  
Contraponto, 2005. O homem maravilhado - p 29 e seguintes.  
  
[ii] Vieira Pinto cita que apenas quatro meses após a ida a Lua as pessoas já  
estavam cansadas de reverem a cena.  
  
[iii] Reforçando, quando do fraco desenvolvimento das forcas sociais  
produtivas.